

Orígenes e a tradição alegórica alexandrina¹

Origen and the Alexandrian allegorical tradition

Júlia Catherine Venezes de Oliveira²

Resumo: O presente artigo busca examinar a evolução da alegoria na tradição alexandrina, focando particularmente no método alegórico de Orígenes (c. 185-253), um proeminente pai da Igreja cuja influência foi decisiva na interpretação da Bíblia. A pesquisa bibliográfica utilizada revela que Orígenes desempenhou um papel crucial na formação da exegese bíblica de seu tempo ao introduzir uma abordagem alegórica inovadora que possibilitou uma interpretação mais profunda e multifacetada das Escrituras. Sua metodologia alegórica permitiu a revelação de significados espirituais e teológicos que transcendiam o sentido literal dos textos bíblicos, enriquecendo a compreensão das Escrituras e proporcionando novas dimensões para a reflexão teológica. O artigo conclui que a abordagem alegórica de Orígenes não apenas moldou a hermenêutica patrística, influenciando o desenvolvimento da exegese cristã primitiva, mas também estabeleceu um legado duradouro que continua a impactar a interpretação da Bíblia até os dias atuais.

Palavras-chave: Alegoria; Alexandria; Escrituras; Interpretação; Orígenes.

Abstract: The present article seeks to examine the evolution of allegory in the Alexandrian tradition, focusing particularly on the allegorical method of Origen (c. 185-253), a prominent Church Father whose influence was decisive in the interpretation of the Bible. The bibliographic research used reveals that Origen played a crucial role in shaping the biblical exegesis of his

Recebido em 19 de fevereiro de 2025
Aceito em 20 de agosto de 2025

¹ Artigo desenvolvido como parte do projeto de Iniciação Científica da Faculdade Unida de Vitória - ES, "Os Pais da Igreja e a interpretação alegórica das Escrituras Sagradas" (EDITAL FAPES Nº 09/2023 - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Tecnológica e de Inovação do Espírito Santo – PIBICES 2023).

² Graduada em Teologia, Faculdade Unida de Vitória - ES.

time by introducing an innovative allegorical approach that enabled a deeper and multifaceted interpretation of Scripture. His allegorical methodology allowed for the revelation of spiritual and theological meanings that transcended the literal meaning of biblical texts, enriching the understanding of Scripture and providing new dimensions for theological reflection. The article concludes that Origen's allegorical approach not only shaped patristic hermeneutics, influencing the development of early Christian exegesis, but also established a lasting legacy that continues to impact the interpretation of the Bible to the present day.

Keywords: Allegory; Alexandria; Scripture; Interpretation; Origen.

Introdução

Orígenes (c. 185-253), um escritor da Igreja antiga, foi um Pai da Igreja cuja obra é considerada importante para o método de interpretação da Bíblia. Nascido em Alexandria onde cresceu no seio de uma família cristã, se dedicou a estudar desde muito cedo. Após o falecimento de seu pai, abriu uma escola de gramática para que pudesse sustentar sua mãe e seus seis irmãos. Também formava catecúmenos, tarefa a qual mais tarde, se dedicou integralmente. Após inúmeras viagens em busca de conhecimento, Orígenes funda uma nova escola em Cesareia semelhante à de Alexandria, onde permaneceu durante vinte anos desenvolvendo intensa atividade literária e de pregação. No ano de 250, encerra todas as suas atividades. Sob a perseguição de Décio, é lançado na prisão, onde sofre cruéis torturas e confessa valentemente sua fé. Após a morte do imperador, cessam as perseguições, mas em consequência das torturas, Orígenes acaba falecendo provavelmente no ano 253 (ou 254) em Tiro, aos sessenta e nove anos.³

Influenciado por Fílon de Alexandria, o autor eclesiástico possibilitou leituras que mantinham a tradição religiosa viva, pois com seu método interpretativo, alegorizou a Bíblia, possibilitando que seus leitores compreendessem as Escrituras de forma mais ampla. Ainda se utilizando de seu próprio método interpretativo, Orígenes também tentou combater grupos acusados de heresia, argumentando que estavam lendo os textos de forma literal. O alexandrino compreendia que as Escrituras deveriam ser lidas de maneira espiritual, pois a leitura de forma literal atendia apenas àqueles que

³ ORÍGENES. *Tratado sobre os princípios*. São Paulo: Paulus, 2012. p. 10-12.

ainda não tinham atingido um nível superior de compreensão. Seu método compreendia três níveis, que faziam referência a forma platônica em que enxergava o ser humano: literal, anímico e espiritual.

O presente artigo busca analisar a trajetória da história da alegoria em Alexandria, o método alegórico de Orígenes, e como o autor compreende o texto do Bom Samaritano (Lucas 10.25-37), de acordo com seu método. Falaremos brevemente sobre o protagonismo de Orígenes diante da leitura tipológica das Escrituras, método já conhecido de sua época. Além disso, abrangeremos, também, a relevância do método alegórico de Orígenes, considerando seu contexto histórico.

1. A alegoria em Alexandria

A alegoria surgiu provavelmente no período pré-socrático, chegando em Alexandria no período helenístico. A interpretação alegórica tem suas raízes na filosofia grega, com Platão, Heráclito e Fílon como importantes filósofos que contribuíram de alguma forma para sua influência. “Qualquer que seja o momento exato de sua criação, o que se verifica é que ela criou raízes em Alexandria, floresceu e fez parte da exegese de grandes intérpretes da igreja”.⁴ Por ser uma cidade de grande importância, influenciou significativamente o crescimento do método alegórico. Alexandria era uma cidade famosa por sua rica e variada população, sua vibrante cultura, sua influência política e seu impacto global durante sua época. Foi neste lugar que surgiu e se desenvolveu o método alegórico de interpretação das Escrituras bíblicas, marcando um ponto crucial na história da exegese.⁵

O que se pode depreender, conforme visto, é que a escola de Alexandria foi aberta no século II com a finalidade de instruir não somente os cristãos, mas judeus, judeus helenizados, gregos e outros. A sua fundação é atribuída a Anteno, um filósofo que se converteu ao cristianismo. A característica exegética

⁴ SANTOS, Francisco Emanuel Lima. A Escola de Alexandria e sua interpretação alegórica das Sagradas Escrituras. *Pesquisas em Teologia*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 108-123, 2023. p. 111.

⁵ SANTOS, 2023. p. 111.

dessa escola foi o método alegórico. A partir de então, formaram-se vários intérpretes alegóricos que fizeram parte da história da igreja. Esses intérpretes tornaram o método alegórico bastante conhecido.⁶

Segundo Francisco Emanuel Lima, há pelo menos três fatores principais que contribuíram para o desenvolvimento da interpretação alegórica. O primeiro fator diz respeito a tradição interpretativa dos gregos, que já utilizava métodos alegóricos para compreender textos filosóficos e literários. O segundo fator é que havia o desejo de tornar as Escrituras mais acessíveis e compreensíveis para o mundo helenístico, que estava familiarizado com a abordagem alegórica. E finalmente, o último fator tem relação com o surgimento do gnosticismo embrionário, que também desempenhou um papel importante, uma vez que tentou influenciar a maneira como as Escrituras eram interpretadas. Esses fatores combinados foram fundamentais para o surgimento e a evolução do método alegórico de interpretação bíblica dentro da igreja ao longo de sua história.⁷

A alegoria desempenhou um papel fundamental na preservação do discurso mitológico da Grécia Antiga e na formação de novas correntes religiosas durante o período helenístico e romano. Com o avanço das ideias filosóficas no período helenístico, a crença literal na mitologia grega começou a perder força. Para manter viva a tradição dos mitos sem precisar aceitar sua literalidade, os filósofos, especialmente os estoicos, começaram a interpretá-los de maneira alegórica. Essa abordagem permitiu que os mitos fossem reinterpretados de maneira a alinhar-se com uma visão filosófica e racional do mundo. À medida que a cultura grega se misturava com outras tradições, esse método de interpretação alegórica também foi adotado no judaísmo por Fílon, que aplicou a alegoria para reconciliar os textos sagrados judaicos com a filosofia grega, mostrando que as Escrituras podiam ser lidas de forma a revelar verdades mais profundas.⁸

Essa técnica de interpretação também teve um impacto importante no surgimento do cristianismo. Os primeiros teólogos cristãos, influenciados por Fílon e outros pensadores, usaram a

⁶ SANTOS, 2023. p. 112

⁷ SANTOS, 2023. p. 112.

⁸ GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: Unisinos, 1998. p. 56-58.

alegoria para explorar e explicar os textos cristãos, procurando significados espirituais e morais escondidos por trás das palavras. Assim, a alegoria serviu como uma ponte entre o passado mitológico e as novas formas de pensamento religioso, permitindo que as tradições antigas fossem reinterpretadas e adaptadas às novas realidades.⁹ À medida que os cristãos começaram a se consolidar e estabilizar em Alexandria e outros locais, reconheceram a importância de se organizarem de forma estruturada como uma comunidade cristã coesa. Para atender a essa necessidade, iniciaram a criação de escolas catequéticas. Essas instituições tinham o propósito de fornecer ensino e formação não apenas para os membros da comunidade cristã, mas também para judeus helenizados e povos que ainda não haviam sido evangelizados, ajudando assim a expandir e aprofundar o conhecimento e a prática da fé cristã.¹⁰

Em Alexandria, usava-se o método alegórico para tornar o texto bíblico relevante para a Igreja, vendo-o não apenas como descritivo, mas normativo. Além disso, os intérpretes alexandrinos desempenharam um papel importantíssimo em combate aos grupos heréticos, acusados de deturpar as Escrituras. Enquanto os judeus defendiam a exclusividade do Antigo Testamento somente para eles, existiam alguns que defendiam as ideias de Marcião, por exemplo, que não concebia o mesmo Deus para o Antigo e Novo testamentos. Esses intérpretes tiveram então o desafio de enfrentar harmonizar os dois testamentos.¹¹

O Novo Testamento também foi radicalmente reinterpretado pelos professores gnósticos através de uma abordagem alegórica que buscava reforçar a teologia e a cosmologia gnósticas. Para esses gnósticos, a alegoria era uma ferramenta poderosa que permitia que eles preservassem os textos do Novo Testamento enquanto os reinterpretavam de acordo com suas próprias crenças sobre uma tentativa de um gnosticismo cristão. Diante dessa ameaça, os exegetas cristãos que se opunham ao gnosticismo em Alexandria precisaram responder de forma convincente, mostrando que o Deus do Novo Testamento e o Deus do Primeiro Testamento eram um só e que as

⁹ Cf. GRONDIN, 1998. p. 56-58.

¹⁰ SANTOS, 2023. p. 111.

¹¹ SIFOLELI, Israel. *Hermenêutica: As Primeiras Escolas de Interpretação - Alexandria*. 17 out. 2018. Disponível em: <https://reflexaoipg.blogspot.com/2018/10/hermeneutica-as-primeiras-escolas-de.html>. Acesso em: 21 jun. 2024.

Escrituras judaicas tinham relevância para a mente grega. Muitos gregos, acostumados desde cedo a procurar múltiplos níveis de significado em textos e na realidade, precisavam ser convencidos da importância dos documentos judaicos. Para isso, os estudiosos cristãos alexandrinos que contestavam os gnósticos, recorreram à alegoria, uma ferramenta hermenêutica que lhes permitiu cumprir suas tarefas apoloéticas, evangelísticas, educacionais e homiléticas de maneira que ressoasse com o pensamento grego.¹²

Fílon, influenciador desses apoloetas, foi um judeu que viveu em Alexandria no século I, e conjuga a filosofia grega com a tradição judaica¹³, sendo seu sistema marcado pela tentativa de combinar a sabedoria helenista com a religião de Israel.¹⁴ Fílon de Alexandria foi, também, o principal influenciador de Orígenes em seu método interpretativo das Escrituras, e distingue três atitudes em relação à alegoria que já apareciam em Alexandria. A primeira opõe a alegoria em favor da interpretação literal. A segunda representa dois significados: literal e alegórico. A última aceita somente o alegórico, desprezando o significado original.¹⁵ Fílon utilizava a alegoria baseando-se em sua forma platônica de enxergar o mundo. Para o alexandrino, o mundo físico era uma representação inferior do mundo espiritual¹⁶, ele “lê a Escritura alegoricamente, associando-lhe significados que previamente não lhe diziam respeito”.¹⁷ Ou seja,

¹² HALL, Christopher A. *Lendo as Escrituras com os pais da igreja*. Viçosa: Ultimato, 2000. p. 134.

¹³ CALABI, Francesca. *Fílon de Alexandria*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 11.

¹⁴ GOPPELT, Leonhard. *Tipologia: a interpretação do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Fonte, 2021. p. 101.

¹⁵ TREVIJANO ETCHEVERRIA, Ramón. *A Bíblia no cristianismo antigo: pré-nicenos, gnósticos, apócrifos*. São Paulo: Ave Maria, 2009. p. 74.

¹⁶ Assim como Fílon e Orígenes, os primeiros Pais da Igreja também atribuíam mais valor ao sentido espiritual do que o sentido propriamente literal de um texto.

¹⁷ Neste processo Fílon reduz a sabedoria clássica a uma forma conceitual anônima e, então, ao ler a Escritura alegoricamente, apresenta aquela sabedoria como a verdade que subjaz ao sentido da Escritura. Moisés tem prioridade absoluta sobre os autores clássicos, tornando-se o verdadeiro filósofo original. A leitura de Fílon transforma a Escritura numa reescritura de significados clássicos e, paradoxalmente, esta reescritura é apresentada como um escrito original. Fílon compara a relação entre o sentido literal e o alegórico com a que existe entre o corpo e a alma, e o fato de que a alegoria quer alcançar algo invisível e mais elevado implica que este sentido não pode

Fílon enxergava as Escrituras para além de seu sentido literal e imediato, e buscava compreender a alegoria não como sentido secundário, mas original. Ele atribuía um significado diferente do que se compreendia na maneira literal de se ler as Escrituras, alegorizando os elementos do texto, e assim, ressignificando sua interpretação.

Para Fílon, o sentido literal dos textos bíblicos é como o corpo humano: é o aspecto externo e visível, que pode ser percebido imediatamente por qualquer pessoa. Assim como o corpo é uma forma física e temporária, o sentido literal dos textos é direto e acessível, mas não revela a totalidade da verdade que está escondida nas Escrituras. Em contraste, o sentido alegórico é comparado à alma: invisível, espiritual e mais elevada. Assim como a alma é a essência que transcende o corpo e busca a verdade e a sabedoria, o sentido alegórico é a interpretação mais profunda que revela os aspectos espirituais e metafísicos dos textos sagrados. Orígenes, de maneira semelhante, e sendo um estudioso das obras de Fílon, lançou mão de seus métodos no tratado *De principiis*.¹⁸

2. O método alegórico de Orígenes

3.

Orígenes acreditava que muitos textos bíblicos, no Antigo e Novo testamentos, faziam pouco sentido quando eram interpretados literalmente. Ele admitia que o Espírito de Deus disfarçava verdades mais profundas em traje histórico, para que o exegeta investigasse o

ser imediatamente acessível aos leitores. O intérprete experiente pode penetrar até este sentido mais elevado que Deus queria preservar do leitor comum, que fica preso no conteúdo literal. Aqueles que “com base em pequenos indícios, conseguem entender o invisível através do visível” estão em condições de captar o sentido mais profundo das Escrituras. Fílon utiliza a linguagem órfico-mistagógica ao descrever o sentido alegórico que existe para os se interessam pela alma e não pela letra. A chave da Escritura se descerra somente para o círculo dos que são dignos do invisível. O discurso religioso procura tratar do supraterrâneo por intermédio de uma linguagem terrena. (ADRIANO FILHO, José. *Combate ao mundo e conquista do paraíso: ficção e alegoria no compêndio narrativo do peregrino da américa*. Tese (Doutorado em Teoria e história literária) - Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), UNICAMP, São Paulo, 2013. p. 53-54).

¹⁸ HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Hedra, 2006. p. 100

texto mais cuidadosa e reverentemente¹⁹, apesar de o Espírito Santo revelar, em sua percepção, somente àqueles que eram dignos.²⁰ A alegoria e a exegese que Orígenes construiu das passagens contidas nas Sagradas Escrituras são condizentes com sua formação filosófica e religiosa e estão presentes na própria Escritura.²¹

De acordo com Christopher A. Hall, existiam ao menos três razões para que o escritor buscasse um sentido mais profundo das Escrituras através da alegoria: a primeira se relaciona com a não literalidade do cumprimento de algumas profecias por Cristo, e, nesses casos, Orígenes sustentava que somente uma leitura alegórica do Antigo Testamento permitiria que as objeções judaicas fossem superadas, encontrando nelas um sentido mais profundo que aponta para Cristo. A segunda é que os exegetas gnósticos difamavam o Antigo Testamento, atribuindo-o a uma deidade inferior, o Demiurgo.²² No livro II do *Tratado sobre os princípios*, Orígenes, influenciado pela alegoria, especialmente de Fílon, se utiliza de todo capítulo quatro apenas para explicar que “O Deus da Lei e dos profetas é o mesmo que o Pai do Senhor Jesus Cristo”, combatendo, assim, uma visão marcionista da Escritura. O autor defendia seu método interpretativo, alegando que a Escritura precisava ser lida de modo espiritual, pois, somente assim se encontraria a perfeita interpretação: “[...] a causa dessas falsas opiniões, dessas impiedades e dessas palavras insensatas a respeito de Deus não parece que seja outra senão o fato de interpretarem a Escritura apenas à letra, e não no seu sentido espiritual”.²³ Por isso, Orígenes assentia que era necessário interpretar as Escrituras transcendendo o texto literal. Finalmente, a terceira razão se relaciona diretamente a exegese gnóstica, e o autor sustentava que os textos bíblicos eram intencionalmente obscuros, contraditórios ou “repugnantes” para que encorajasse o leitor a buscar um significado mais profundo, promovendo uma compreensão mais completa e espiritual das Escrituras.²⁴

¹⁹ HALL, 2000. p. 138.

²⁰ Orígenes, 2012. p. 133.

²¹ NASCIMENTO, Sidnei Francisco. Orígenes, alegoria, exegese: a procura de uma hermenêutica e de um método investigativo. *PERI*, v. 9, n. 01, p. 64-80, 2017. p. 66.

²² HALL, 2000. p. 137.

²³ ORÍGENES, 2012. p. 292.

²⁴ HALL, 2000. p. 137-138.

Orígenes acreditava que a chave para a maneira correta de interpretar as Escrituras podia ser encontrada em Provérbios 22,20.²⁵ Ele parafraseava o versículo da seguinte forma: “É necessário, portanto, escrever três vezes as doutrinas das Sagradas Escrituras em sua alma, para que o simples seja edificado pelo corpo das Escrituras, pois isso é o que chamamos de interpretação à mão, e aquele que é um pouco mais avançado, por assim dizer, pela alma das Escrituras, e o perfeito... pela lei espiritual.”²⁶ Orígenes compreendia que as Escrituras eram divinas²⁷, e por isso, defendia que existiam ordens de doutrinas que correspondiam aos passos progressivos do movimento cristão em direção à perfeição.²⁸ Existiam “doutrinas salvadoras para o iniciante, para os que estão avançando e para os perfeitos”²⁹, essas doutrinas estavam presentes nas Escrituras, mas de forma escondida.³⁰ Dessa forma, os níveis de doutrina em Orígenes refletiam estágios progressivos na jornada espiritual da alma.³¹

O autor sustentava que, assim como o homem era composto de três partes: corpo, alma e espírito (1Ts 5,23), exegeticamente também existiam três níveis de sentido nas Escrituras: o corporal, o anímico e o espiritual. No primeiro nível, temos aquilo que o intérprete chama de “carne”, isto é, a parte “corpórea” das Escrituras. É a interpretação mais rasa e clara, sendo assim, a mais fácil de compreender, mesmo entre os mais simples. A “carne”, ou seja, o “sentido imediato”³², servia como um revestimento dos sentidos espirituais³³, pois escondia de quase todos o sentido mais profundo do texto.³⁴ Essa era a interpretação literal, que segundo Simonetti³⁵, corresponderia ao primeiro nível platônico da realidade, ou seja, que

²⁵ “Não te escrevi excelentes coisas, em conselhos e conhecimento;” (BIBLIA Sagrada: BKJ Fiel. Niterói: BV Books Editora, 2017).

²⁶ TORJESSEN, Karen. *Hermeutical Procedure and Theological Method in Origen's Exegesis*. Berlin: Walter de Gruyter, 1986. p. 39.

²⁷ Cf. TORJESSEN, 1986. p. 38.

²⁸ TORJESSEN, 1986. p. 41-42.

²⁹ TORJESSEN, 1986. p. 42.

³⁰ TORJESSEN, 1986. p. 42.

³¹ TORJESSEN, 1986. P. 43.

³² ORÍGENES, 2012. p. 294.

³³ ORÍGENES, 2012. p. 299.

³⁴ ORÍGENES, 2012. p. 300.

³⁵ SIMONETTI, M., 1985, p. 79-81 *apud* Orígenes. *Tratado sobre os princípios*. São Paulo: Paulus, 2012. p. 283.

seria posteriormente duramente criticada pelo autor. Esse nível é classificado por Orígenes como o “véu da letra para esconder realidades místicas e profundas”.³⁶ Por fim, o autor também acreditava que o primeiro nível de interpretação precisava existir para “tornar possível a descrença a respeito de Deus...”.³⁷

O segundo nível, relativo à alma, compreende aqueles que já tem obtido os dons do conhecimento, que buscam e têm sede da sabedoria. Este era o sentido moral da interpretação bíblica. Era o nível intermediário, daqueles que “ascenderam” um pouco, mas que ainda não haviam alcançado a perfeição. “[...] é ideológico e consiste na identificação entre conteúdo espiritual e conteúdo cristológico, razão pela qual só se atingirmos a Cristo é que o estudo da Escritura logrará ser verdadeiramente útil”.³⁸ Sua marca distintiva era simplesmente ser destinada àqueles que avançaram além da letra, mas que ainda não estavam preparados para os mistérios.³⁹

Como exemplo de uma interpretação relacionada à alma, pode-se citar a passagem de Paulo na primeira Carta aos Coríntios: “Está escrito: não porás flocina no boi que debulha o grão” (1Cor 9,9; Dt 25,4). A seguir, para explicar essa norma, ele acrescenta: “Deus preocupa-se com os bois? Ou será que ele diz isso só para nós? Para nós é que foi escrito, porque aquele que lavra deve lavar na esperança, e aquele que debulha o grão tem esperança de obter a sua parte” (1Cor 9,10). Outras interpretações correntes, que são adaptadas à multidão e que edificam aqueles que não podem compreender explicações mais elevadas, têm aproximadamente a mesma característica.⁴⁰

O terceiro nível, o “espiritual”, é para aqueles que já atingiram a perfeição, inacessível ao povo simples por ser obscuro em sua natureza. Este representava a interpretação alegórica das Escrituras. Para Orígenes, a Escritura nem sempre tem um sentido corporal, mas sempre tem um sentido espiritual.⁴¹ E é importante ressaltar que o

³⁶ ORÍGENES, 2012. p. 265.

³⁷ ORÍGENES, 2012. p. 289.

³⁸ SIMONETTI, 1985 *apud* Orígenes, 2012. p. 283.

³⁹ TORJESSEN, 1986. p. 40.

⁴⁰ ORÍGENES, 2012. p. 296.

⁴¹ ORÍGENES, 2012. p. 305.

sentido espiritual origenista compreende uma visão platônica do universo, ou seja, a natureza visível é uma representação inferior da invisível.⁴² “A interpretação espiritual é para aquele que pode mostrar quais são as realidades celestes das quais se encontram os símbolos e as sombras no culto dos judeus segundo a carne e quais são os bens que hão de vir e dos quais a Lei possui a sombra...”.⁴³ Orígenes acreditava que o sentido espiritual continha “uma sombra dos bens que hão de vir”.⁴⁴ Para Orígenes, as Escrituras continham uma ordem progressiva de doutrinas devidamente discriminadas para a edificação dos crentes em diferentes estágios de crescimento dentro da igreja.⁴⁵ Dessa forma, o terceiro nível é o mais importante, e integra nesse sentido toda tipologia do alexandrino.

“Os exegetas cristãos encontraram no Antigo Testamento figuras (*typoi*) de Cristo. Desenvolveram assim uma linha de exegese alegórica conhecida comumente sob a designação de “tipologia”.⁴⁶ A interpretação tipológica ou figural já era conhecida na tradição cristã, e compreende que o Antigo Testamento é um sinal do Novo, sendo o Novo um sinal do futuro. Essa forma interpretativa lê e compreende o texto de trás para frente, por exemplo, podemos dizer que o cumprimento de uma profecia era mais importante que a profecia em si. As imagens que representavam algo superior eram chamadas de “tipo”, e o que de fato era superior era chamado de “antítipo”. Melquisedeque e Jesus podem exemplificar respectivamente esses conceitos. Jesus supera Melquisedeque porque traz algo superior ao que o sacerdote poderia trazer, a expiação universal. Desse modo, “tinha como objetivo mostrar que todas as pessoas e acontecimentos do Velho Testamento eram prefigurações do Novo Testamento e de sua história de redenção”.⁴⁷

Apesar da interpretação tipológica ter sido praticada em graus diferentes por praticamente todos os Pais, Orígenes foi um dos grandes precursores desse método, compreendendo diversas vezes o Antigo Testamento à luz de Cristo: “Josué [...] simboliza, segundo se crê, o nosso Salvador, cuja segunda lei, isto é, os preceitos do

⁴² TREVIJANO, 2009. p. 87.

⁴³ ORÍGENES, 2012. p. 296.

⁴⁴ ORÍGENES, 2012. p. 294.

⁴⁵ TORJESSEN, 1986. p. 40.

⁴⁶ TREVIJANO, 2009. p. 80.

⁴⁷ AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Editora Ática, 1997. p. 28.

Evangelho, conduz todas as coisas à sua perfeição.”⁴⁸ Em Alexandria, a metodologia e prática alegóricas alcançaram seu ápice, com Orígenes emergindo como possivelmente o mais proeminente representante da abordagem alexandrina à hermenêutica bíblica.⁴⁹ E de acordo com Hansen: “Foi Orígenes [...] quem praticamente deu forma à interpretação tipológica [...]”⁵⁰. Orígenes, ao ser lido, dentro de toda a sua complexidade intelectual, está inserido na tradição para aprimorar e complementar o ensinamento. Um aspecto obscuro do Antigo Testamento, seja uma narrativa ou mandamento, ganha um “sinal” claro através de uma palavra reveladora do Novo Testamento.⁵¹

3. Aplicação do método

Na homília 34 em *Homílias sobre o Evangelho de Lucas*, Orígenes aplica seu método alegórico na parábola bíblica do “bom samaritano”, presente em Lucas 10,25-37, que posteriormente foi alegorizada também por Agostinho e Hugo de São Vitor. Na parábola, para Orígenes, o “próximo” é aquele que praticou a misericórdia⁵², e o sentido de sua interpretação é cristológico. Primeiro, Orígenes apresenta a interpretação “tradicional” da parábola:

Dizia alguém entre os presbíteros, querendo interpretar a parábola, que o homem que descia representa Adão; Jerusalém, o paraíso; Jericó, o mundo; os ladrões, as potências inimigas; o sacerdote, a Lei; o levita, os profetas; o samaritano, o Cristo. Mas as feridas devem ser interpretadas como a desobediência; a montaria, o corpo do Senhor, o "pandochium", isto é, o albergue que acolhe a todos os que querem aí entrar, a Igreja. Além disso, os dois denários devem ser entendidos como o Pai e o Filho; o albergueiro, o chefe da Igreja, a quem é confiada a sua administração. Mas quanto

⁴⁸ ORÍGENES, 2012. p. 312.

⁴⁹ HALL, 2000. p. 133.

⁵⁰ HANSEN, 2006. p. 100.

⁵¹ TREJIVANO, 2009. p. 77.

⁵² ORÍGENES. *Homílias sobre o Evangelho de Lucas*. Coleção Patrística, v. 34. São Paulo: Paulus, 2016. p. 108.

à promessa feita pelo samaritano de voltar, era a figura do segundo advento do Salvador.⁵³

A partir disso, Orígenes se propõe a criticar tal interpretação, evidenciando a sua, que o texto chama de “sentido cristológico”. Ele começa afirmando que ainda que essas interpretações sejam enunciadas de modo espiritual e sedutor, que não se deve considerar que elas possam se aplicar a qualquer homem, porque nem todo homem descia de Jerusalém para Jericó, e porque nem todos os homens viviam naquele século presente. O homem que “desceu de Jerusalém para Jericó”, caiu na mão dos ladrões, mas “porque ele próprio quis descer”.⁵⁴ Além disso, Orígenes defende que os ladrões são aqueles dos quais o Salvador falou, que são todos os que vieram antes dEle, que estes foram bandidos e ladrões. No entanto, Orígenes entende que o homem não caiu na mão de ladrões, mas de “bandidos”, que são “muito mais malvados que os ladrões”, porque quando caiu nas mãos deles, “o roubaram e cobriram de ferimentos”. Esses ferimentos e feridas são interpretados como os vícios e os pecados por Orígenes. Dessa forma, Orígenes compreende mais à frente que aqueles “que vieram antes” de Cristo trouxeram os pecados e vícios, e que, agora que o Cristo - interpretado pelo samaritano - chegou, pode “curar” essas feridas e ferimentos, isto é, pôr um fim aos seus pecados e vícios.

Após isso, os bandidos, que o espancaram mais de uma vez, roubaram suas vestes, o deixaram nu e o abandonaram semimorto. Entretanto, sucedeu que, desciam pela mesma estrada, primeiramente “um sacerdote”, e depois “um levita”, que Orígenes coloca como indivíduos que talvez pudessem ter feito algum bem a

⁵³ ORÍGENES, 2016. p. 108-109.

⁵⁴ Jerusalém fica a cerca de 740m acima do nível do mar, enquanto Jericó, a 400m abaixo do nível do mar na região do mar morto. Por essa razão, numa pequena distância de menos de 30km há um desnível de mais de 1.100m. É um caminho íngreme, cheio de desfiladeiros, ideal para as emboscadas e a ação de salteadores [...]. Ninguém, em sã consciência, se aventuraria a passar por ali a não ser que estivesse bem guardado. Por essa razão, as pessoas que tinham que fazer esse trajeto, geralmente, viajavam em caravanas. Ao que tudo indica, portanto, a vítima da parábola não era exatamente alguém a quem se poderia chamar de “prudente”. Cf. RAMOS, Luiz Carlos. *O Samaritano Bom: Uma pedagogia da tolerância e do bem a partir de Lucas 10.25-37*. 03 set. 2011. Disponível em: <https://www.luizcarlosramos.net/o-samaritano-bom/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

outros homens, mas não a este homem que desceu de Jerusalém.⁵⁵ O sacerdote, para Orígenes, é uma “figura da Lei”, o levita representa a “palavra profética”, ambos veem o homem ferido, porém o abandonam. Em seguida, Orígenes menciona que a “Providência deixava aquele homem semimorto aos cuidados daquele que era mais forte que a Lei e os Profetas, isto é, ao Samaritano, cujo nome significa “guardião””.⁵⁶ Este “guardião” é interpretado por Orígenes como aquele que “não cochila nem dorme guardando Israel”.

Para socorrer o homem semimorto, este samaritano desce “de Jerusalém para Jericó”, mas não como o sacerdote e o levita, pois, se ele desce, desce para salvar “o moribundo” e protegê-lo. Apesar disso, Orígenes menciona que os judeus acusam Jesus de ser samaritano e “[...] possuído por um demônio”. Orígenes apresenta essa afirmação para dizer que Jesus negou que estivesse possuído, mas que não quis negar que era um samaritano, porque o próprio Jesus “sabia que era um guardião”.

Quando viu o homem semimorto, se compadeceu⁵⁷ dele. E “aproximou-se para se tornar o seu próximo”.⁵⁸ Orígenes compreende que o “próximo” é “aquele que se aproxima”. O samaritano, aproximando-se do semimorto, e, ao contrário do que se diz no

⁵⁵O texto deixa claro que o sacerdote “descia pelo mesmo caminho” que o homem ferido, ou seja, se o templo ficava em Jerusalém e não em Jericó, fica claro que o sacerdote não estava indo exercer seu ofício, mas voltando dele, e tinha todo tempo necessário para lhe prestar ajuda, apesar de, com isso, contrariar a Lei. Cf. KUNZ, Claiton André. Reflexões sobre a parábola do bom samaritano. *Revista Teológica*, [S.l.], n. 10, p. 59-73, 2016. p. 64.

⁵⁶ Aqui, Orígenes se utiliza da tipologia para demonstrar que a Lei e os Profetas eram apenas sombra das realidades que o guardião traria.

⁵⁷ “O verbo “compadecer-se” (em gr. *splagchnizomai*) deriva de *splagchnon*, que significa “vísceras”, “intestinos”, “entranhas”. Trata-se daquele sentimento que faz com que o estômago fique embrulhado, revirado, diante do sofrimento humano” Cf. RAMOS, Luiz Carlos. *O Samaritano Bom: Uma pedagogia da tolerância e do bem a partir de Lucas 10.25-37*. 03 set. 2011. Disponível em: <https://www.luizcarlosramos.net/o-samaritano-bom/>. Acesso em: 21 jun. 2024.

⁵⁸ Para o judeu, o próximo era o parente, o companheiro de religião e, no máximo, o estrangeiro. Jesus inverte esta concepção mostrando não “quem é o meu próximo”, mas de quem eu me faço próximo. Cf. ALCÂNTARA, Marcos; PEREIRA, Anderson Costa. “Viu-o e moveu-se de compaixão”: estudo hermenêutico-teológico da parábola do bom samaritano. *Revista Teopraxis*, v.38, n. 130, p. 51-61, 2021. p. 59.

“Profeta”, não disse que: “não há nem curativo, nem óleo, nem ataduras para aplicar”, ao contrário, apertou com ligadura suas feridas, derramando nessas feridas óleo misturado ao vinho.⁵⁹ Este samaritano é aquele de que “todos os que estão doentes necessitam”. Para Orígenes, isso aconteceu segundo a Providência Divina, e que de igual modo, o samaritano carregava consigo essas ligaduras, o óleo e o vinho, não só “por causa desse único semimorto”, mas outros também, que “por várias causas, tinham sido feridos” e necessitavam de sua ajuda.

O óleo é representado pela Escritura, que diz: “Que o óleo faça o rosto alegrar-se”, e esse rosto é compreendido como o rosto daquele que tinha recebido o cuidado. Depois, colocou o homem semimorto sobre sua montaria, que Orígenes interpreta como o próprio corpo do samaritano, que se “dignou assumir a humanidade”. Esse samaritano é compreendido por Orígenes como sendo o próprio Jesus em seu amor sacrificial, que “carrega nossos pecados”, e “sofre por nós”. Assim como ao semimorto, Ele nos carrega e nos conduz a um albergue, que Orígenes entende como a Igreja, que “acolhe todos os homens e não recusa seu socorro a ninguém”, assim como Jesus diz a todos que venham sobre Ele os que estão cansados e sobrecarregados, para obterem descanso.

E deixando o “moribundo”, o samaritano fica com ele por um dia inteiro, perseverando com ele, e não o deixa imediatamente, curando suas feridas de dia e de noite.⁶⁰ Quando se prepara para

⁵⁹ Na antiguidade, o vinho era valorizado não apenas como uma bebida para celebrações, mas também como um elemento essencial na medicina. Na Grécia Antiga, por exemplo, os médicos recomendavam o vinho para melhorar a digestão, aliviar dores estomacais e tratar feridas devido às suas propriedades antissépticas. Além disso, os curandeiros frequentemente usavam o vinho como base para administrar ervas medicinais, ampliando os benefícios terapêuticos das plantas. Eles preparavam infusões e poções à base de vinho para tratar diversas condições de saúde. Assim, o vinho tinha um papel fundamental na farmacopeia antiga. Cf. MONTEIRO, Sofia. *O Uso Inusitado do Vinho na Medicina Antiga*. 08 nov. 2023. Disponível em: <https://elitevinho.com.br/blog/o-uso-inusitado-do-vinho-na-medicina-antiga/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

⁶⁰ Não fica claro se o samaritano ou o homem ferido se apresentaram um ao outro, mas isso não o impediu de se tornar seu próximo. Ao usar óleo e vinho, ele estabeleceu uma intimidade significativa com o homem gravemente ferido. Cf. CAMARGO, Carlos. A parábola do bom samaritano, a parábola chave para a compreensão do mandamento do amor ao próximo (Lc 10,25-

partir de manhã, apanha dois denários de suas “preciosas moedas de prata” e gratifica o albergueiro, que por Orígenes é entendido como “o anjo da Igreja”, aquele que teve a missão de cuidar com toda diligência do homem a ele confiado, até sua “cura completa”. Os dois denários representam o conhecimento do Pai e do Filho e o conhecimento desse mistério - de o Pai estar no Filho e o Filho estar no Pai. Este guardião pareceu verdadeiramente “mais próximo” que a Lei e os Profetas, mostrando-se ao seu próximo não com palavras, mas em atos. Ao fim, Orígenes orienta que é possível que a comunidade cristã imite a Cristo, dizendo: “Se tivermos agido de modo igual, obteremos a vida eterna no Cristo Jesus: “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos”.

Conclusão

Neste artigo, analisamos a trajetória da história da alegoria em Alexandria, destacando a influência de Fílon sobre Orígenes e as semelhanças entre seus métodos, a importância da tipologia e a interpretação do texto do Bom Samaritano por Orígenes. Concluímos que o método de interpretação de Orígenes teve uma relevância profunda e multifacetada para sua época, moldando significativamente a maneira como o cristianismo era compreendido e praticado. Orígenes enfatizou que o estudo das Escrituras deveria ser um processo educativo e formativo, não apenas um exercício acadêmico. Sua abordagem educativa visava transformar o indivíduo, guiando-o através de diferentes níveis de compreensão e ajudando-o a avançar em sua jornada espiritual. Isso foi particularmente relevante para uma época em que a educação cristã estava se estruturando e se tornando mais sistemática. O Pai da Igreja se dedicou integralmente ao estudo das Escrituras, tendo seu protagonismo no Novo Testamento. Além disso, estabeleceu um método sistemático rigoroso para a interpretação das Escrituras, que foi crucial para o desenvolvimento da exegese cristã. Promoveu a integração do pensamento filosófico com a teologia cristã, ajudou a estabelecer uma base para a ortodoxia e influenciou tanto a prática devocional quanto o pensamento teológico futuro. Sua abordagem não apenas moldou a exegese bíblica de seu tempo, mas deixou um legado duradouro na tradição cristã.

Referências

ADRIANO FILHO, José. *Combate ao mundo e conquista do paraíso: ficção e alegoria no compêndio narrativo do peregrino da américa*. Tese (Doutorado em Teoria e história literária) - Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), UNICAMP, São Paulo, 2013.

ALCÂNTARA, Marcos; PEREIRA, Anderson Costa. “Viu-o e moveu-se de compaixão”: estudo hermenêutico-teológico da parábola do bom samaritano. *Revista Teopraxis*, v.38, n. 130, p. 51-61, 2021.

AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Editora Atica, 1997.

CALABI, Francesca. *Filon de Alexandria*. São Paulo: Paulus, 2014.

CAMARGO, Carlos. A parábola do bom samaritano, a parábola chave para a compreensão do mandamento do amor ao próximo (Lc 10,25-37). *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, São Paulo, v. 8. n. 14, p. 50-63, 2014.

GOPPELT, Leonhard. *Tipologia: a interpretação do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Fonte, 2021.

GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: Unisinos, 1998.

HALL, Christopher A. *Lendo as Escrituras com os pais da igreja*. Viçosa: Ultimato, 2000. p. 134.

HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Hedra, 2006.

JUNIOR, Acyr de Gerone. A centralidade das Escrituras Sagradas nos Pais da Igreja. *ATEo*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 69, p. 227-247, 2022.

KUNZ, Claiton André. Reflexões sobre a parábola do bom samaritano. *Revista Teológica*, [S.l.], n. 10, p. 59-73, 2016.

MONTEIRO, Sofia. *O Uso Inusitado do Vinho na Medicina Antiga*. 08 nov. 2023. Disponível em: <https://elitevinho.com.br/blog/o-uso-inusitado-do-vinho-na-medicina-antiga/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

NASCIMENTO, Sidnei Francisco. Orígenes, alegoria, exegese: a procura de uma hermenêutica e de um método investigativo. *PERI*, v. 9, n. 01, p. 64-80, 2017.

ORÍGENES. *Homilias sobre o Evangelho de Lucas*. Coleção Patrística, v. 34. São Paulo: Paulus, 2016.

ORÍGENES. *Tratado sobre os princípios*. São Paulo: Paulus, 2012.

RAMOS, Luiz Carlos. O Samaritano Bom: Uma pedagogia da tolerância e do bem a partir de Lucas 10.25-37. 03 set. 2011. Disponível em: <https://www.luizcarlosramos.net/o-samaritano-bom/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SANTOS, Francisco Emanuel Lima. A Escola de Alexandria e sua interpretação alegórica das Sagradas Escrituras. *Pesquisas em Teologia*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 108-123, 2023.

SIFOLELI, Israel. *Hermenêutica: As Primeiras Escolas de Interpretação - Alexandria*. 17 out. 2018. Disponível em: <https://reflexaoipg.blogspot.com/2018/10/hermeneutica-as-primeiras-escolas-de.html>. Acesso em: 21 jun. 2024.

TORJESSEN, Karen. *Hermeutical Procedure and Theological Method in Origen's Exegesis*. Berlin: Walter de Gruyter, 1986.

TREVIJANO ETCHEVERRIA, Ramón. *A Bíblia no cristianismo antigo: pré-nicenos, gnósticos, apócrifos*. São Paulo: Ave Maria, 2009.